

IMAGINÁRIOS DISCURSIVOS MIDIÁTICOS SOBRE POLICIAIS E MANIFESTANTES

Media's discursive imaginary about police and protesters

Antonio Augusto Braighi¹
Rafael Angrisano²
Robson Barbosa Silva³
Giani David-Silva⁴

Resumo:

Um acontecimento e três abordagens midiáticas distintas; por quê? Dois grupos (policiais e manifestantes) e variadas construções discursivas sobre eles; qual seria o motivo? O intuito do presente estudo é observar, a partir do ferramental da Análise do Discurso, de que maneira três diferentes veículos de comunicação (dois *media* e um coletivo midiativista) narraram um mesmo fato e caracterizaram os atores envolvidos no mesmo, visando compreender, por fim, como estas construções ajudam a definir as respectivas identidades midiáticas. A inferência, ao final, é que o declarado posicionamento político e ideológico de uma das frentes não difere muito da (pseudo)imparcialidade das outras, ainda que em direções opostas.

Palavras-chave: Imaginário Discursivo; Manifestações; Análise do Discurso Midiático.

Abstract:

An event and three different mediatic approaches; why? Two groups (police and protesters) and various discursive constructions over them; what would be the reason? The aim of this study is to observe, from the tools of Discourse Analysis, how three different communication vehicles (two mainstream media and one mediativist collective) narrated the same fact and characterized the actors involved, aiming to understand, finally, as these constructions help to define their

¹ Doutor em Linguística do Texto e do Discurso (UFMG). Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

² Mestre e doutorando em Estudos de Linguagens (CEFET-MG).

³ Mestre em Estudos de Linguagens (CEFET-MG).

⁴ Doutora em Linguística do Texto e do Discurso (UFMG). Professora do CEFET-MG.

mediatic's identities. In the end we infer that the stated political and ideological positioning of one of the fronts does not differ much from the (pseudo)impartiality of the others, although in opposite directions.

Keywords: Discursive Imaginary; Protests, Analysis of Media; Discourse.

Introdução

O propósito deste trabalho é verificar, utilizando o ferramental da Análise do Discurso, de que maneira três diferentes veículos de comunicação abordaram um mesmo acontecimento (ações militares em torno de uma manifestação popular) e caracterizaram os atores envolvidos no mesmo (policiais e manifestantes), visando compreender, por fim, como estas construções ajudam a definir as respectivas identidades midiáticas. Para tanto, é empreendido um exame dos textos verbais, fazendo apontamentos sobre os modos de organização do discurso dos mesmos, assim como uma apreciação crítica das imagens utilizadas nestes constructos, tomando como referência a perspectiva semiótica, observando as possíveis manifestações das nuances icônicas, indiciais e simbólicas das fotos e vídeos e o que elas representam.

Para tanto, foi realizada a comparação entre três distintos meios de comunicação, sendo dois audiovisuais e um impresso. Trata-se da inter-relação entre o Jornal da Alterosa (TV Alterosa – MG), o Mídia Ninja (no que concerne especificamente às suas transmissões simultâneas) e o Estado de Minas. Tem-se como hipótese que a tríade, apesar de dissonante, apresenta rica fonte para diagnósticos no que concerne ao complexo jogo de representações que é invocado, balizado pelos imaginários sociodiscursivos que reivindicam em suas abordagens.

Conjectura-se ainda que o ponto central dessa desarmonia sejam os interesses por detrás de cada uma das edificações de sentido. Ainda que só se consiga chegar a algumas suposições, infere-se que o declarado posicionamento político e ideológico dos midiativistas não difere muito da (pseudo)imparcialidade dos *media*. Evidencia-se a seguir a fundamentação de onde se busca balizamento e a formação do quadro de análise. Em seguida, expõe-se a situação de contexto a ser examinada. A crítica das abordagens realizadas pelos três veículos terá como desígnio contrastar, por meio das semelhanças e das diferenças, as identidades discursivas assumidas, mesmo que implicitamente, frente ao acontecimento.

1. LES IMAGINAIRES C'EST MIEUX...

Para Patrick Charaudeau (2007), melhor do que falar em estereótipos, mais adequado seria tratar de imaginários. Enquanto os primeiros são restritivos, na fixação de uma verdade sem provas – constituindo-se assim em uma mentira estabelecida, os segundos representariam uma perspectiva para delimitar as coisas do universo a partir de saberes que arquitetam sistemas de pensamentos individuais e coletivos.

O autor liga o conceito de imaginário menos à perspectiva adjetivista e mais à substantiva, situando-o especificamente ao momento histórico-acadêmico de reflexão do mesmo pela antropologia, entendendo como discursos todos os rituais sociais, tanto quanto os mitos e as lendas, enquanto espelhamento da organização das sociedades humanas (CHARAUDEAU, 2007). Assim, o autor falará de modo mais direto em imaginários sociodiscursivos; uma forma de apreensão do mundo, concebida através de uma mecânica de simbolização que se dá por meio da dinâmica das relações entre os sujeitos em certa sociedade. Essas trocas formariam uma memória coletiva, alimentadora e alimentada pelos usos que são feitos diariamente das noções advindas deste arcabouço social, político e cultural (CHARAUDEAU, 2007).

As significações, aplicadas aos seres, aos objetos, aos movimentos e aos fenômenos sociais, são dadas através de uma dupla ordem: afetiva e racional. Essa prerrogativa, ao passo que auxilia na justificação das ações, também cria valores. Esses dois processos se dão no bojo dos saberes de conhecimento e de crença – suportes de construção dos imaginários (CHARAUDEAU, 2007). Os saberes de conhecimento tentam chegar a proposições de verdade calçadas pelo raciocínio lógico, pensando os diversos fenômenos do mundo através de fatos, dados, números e hipóteses que consigam se sustentar por determinados parâmetros. Esta frente se subdivide em outros dois saberes: científico e de experiência. Grosso modo, enquanto o primeiro se estrutura pela lógica, o segundo, como o nome sugere, tem o empirismo como norte, se balizando tão somente pela vivência pessoal, da qual não se dá conta de explicação senão por si só (CHARAUDEAU, 2007).

Já os saberes de crença estão ligados aos ajuizamentos e aos atributos de valor que norteiam os sentidos frente aos fenômenos sociais. Assim, abrem-se duas frentes: a do saber de revelação e a do de opinião⁵. Enquanto os últimos referem-se à avaliação e julgamentos apreciativos delimitados por quesitos não fundamentados, os primeiros estão ligados às doutrinas, sem provas – mas inquestionáveis, às ideologias – normalmente formatadas por teorias, mas superando-as, compondo um “nós-verdadeiro”.

“A opinião resulta de um movimento de apropriação, da parte de um sujeito, de um saber dentre os saberes circulantes nos grupos sociais”, o que denota esta multiplicidade de escolhas, às vezes contraditórias, que um indivíduo pode tomar frente ao grande número

⁵ Charaudeau dirá que este saber pode se dividir em outras três frentes: opinião comum, opinião relativa e opinião coletiva. Estas serão tratadas com mais atenção nas análises. Se e quando da identificação da utilização deste saber pelos veículos de comunicação, suas características serão abordadas.

de outros saberes⁶ (CHARAUDEAU, 2007, n. p.⁷). Assim, o analista do discurso, e mesmo aqueles que manipulam os (ou são manipulados pelos) imaginários no dia a dia, devem estar precavidos; os enunciadores jogam “muitas vezes com essas categorias [de saber], apagando as pistas, fazendo passar um saber de crença por um saber de conhecimento, um saber de opinião por um saber de revelação [...] transformando um saber teórico em saber de doutrina”, entre muitas outras transmutações (CHARAUDEAU, 2007, n. p.).

Essas variações podem ser propositadamente aplicadas por determinados sujeitos em suas áreas de atuação social, em processos comunicativos dos mais distintos, subvertendo ou direcionando comportamentos de outrem para fins dos mais diversos. Em geral, aqueles que teriam mais condições para empreender esse movimento seriam as instituições, aparelhos de regulação social que, a partir de um imaginário sociodiscursivo de base, procuram, em verdade, manter a ideia de ordem. Quanto maior a adesão a um determinado projeto de organização pela sociedade, mais efetiva e perene será a manutenção do imaginário dominante.

Contudo, os choques começam a aparecer quando os grupos se tornam mais heterogêneos e passam a se pautar por saberes diferentes ou por interpretações variantes do imaginário de referência (valendo lembrar que um mesmo imaginário pode ser ajuizado de forma positiva ou negativa a partir do filtro axiológico que um determinado grupo adota).

Trazendo para o contexto do objeto de estudo, em 2013 o Brasil passou por uma série de manifestações. Como exemplo, havia uma espécie de imaginário de patriotismo, de que era preciso demonstrar ao governo que ele deveria cuidar melhor da nação, sendo que o

⁶ Charaudeau (2007) menciona que podem haver outros saberes para além das categorias listadas por ele.

⁷ O trabalho do autor está disponível na *web* e não apresenta paginação.

caminho parecia passar pelo grito da sociedade, através da presença em passeatas. No entanto, no meio da multidão havia aqueles filiados ao imaginário de rebeldia, que entendiam que as mesmas mudanças eram necessárias, mas que os rumos do Brasil só alterariam com um quebra-quebra generalizado e não com palavras de ordem. Não era raro ver instituições como a mídia, uma das principais frentes de organização social, adjetivarem em seus textos estes últimos como vândalos (perdendo então a condição substantiva de manifestantes) e os primeiros em sua condição primária, mas não menos adjetiva pelo contexto: cidadãos. Menos discrepante pareciam ser as classificações dadas pelos midialivristas/midiativistas; para eles, qualquer um que estivesse nas ruas com o propósito de demonstrar a sua insatisfação era um ativista.

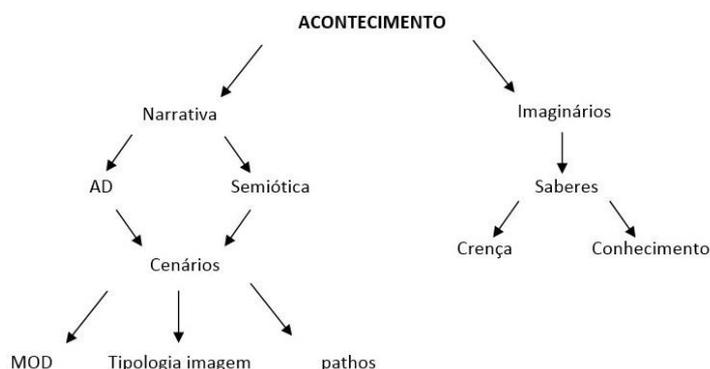
Não é, porém, intenção do analista do discurso dizer se está certo ou errado, ou se é verdadeiro ou falso, um determinado imaginário e seu espraiamento. É preciso explorar menos a identificação de um possível estereótipo para evidenciar mais os porquês das apreciações acerca de um determinado imaginário discursivo adotado (CHARAUDEAU, 2007). Nesse sentido, visa-se observar aqui os três veículos já mencionados na introdução e identificar com que concepções de imaginário trabalham. Para tanto, avança-se em relação à época dos protestos supramencionados.

Será empreendido um exame do texto verbal dos veículos através da observação dos modos de organização do discurso dos mesmos. Nesse sentido, se observará: o tipo de descrição realizado pelos repórteres (método de qualificação e identificação de seres, espaços, condições e ações), através da utilização estratégica de operadores gramaticais específicos que irão designar discursivamente cada uma destas partes; os meios de apresentação e condução das histórias através da dinâmica de um narrador; e em um nível sintético, as formas de organização dos argumentos, quando existirem (CHARAUDEAU, 2008).

No entanto, como se tratam de duas mídias audiovisuais – e um impresso que também explora fotografias, não poderia escapar a análise das imagens. O exame será localizado nas contribuições de Jost (1983; 1999), a partir da perspectiva semiótica peirceana, propondo a classificação dos tipos de imagem em três categorias (testemunho, arquivo e símbolo), que correspondem aos níveis indiciais, icônicos e simbólicos em *frames* de destaque na narrativa. Entendemos ainda, a partir de uma adaptação dos modos de organização do discurso, que as imagens têm um potencial descritivo-narrativo, capaz de identificar, qualificar e contar, estimuladas ainda pelas formas como são manipuladas no trabalho de um narrador visual apagado da cena enunciativa (DAVID-SILVA, 2005; ANGRISANO, 2014).

Contudo, primeiro é preciso verificar o que é mostrado e, possivelmente, apagado nos empreendimentos pictóricos. Num segundo momento, pode-se observar como, por meio das frentes de exame, objetos, seres e cenas são qualificados, através de valores oposicionais. Além disso, haverá espaço para uma análise dos afetos possíveis, através do reconhecimento de imagens carregadas de um valor patêmico, capazes de gerar efeitos junto aos espectadores. Por fim, analisando a materialidade das narrativas, visa-se especular sobre certos imaginários sociodiscursivos. A seguir, um esquema simplificador de nossos procedimentos analíticos.

Esquema 1: desenho dos procedimentos analíticos



Fonte: Elaborado pelos autores.

2. ANÁLISE

A análise do presente estudo recai sobre o dia 14 de junho de 2014. Mais especificamente será observada a cobertura realizada pelos três veículos de comunicação em uma manifestação que se realizaria em Belo Horizonte-MG. A Copa do Mundo havia começado dois dias antes, mas esta data marcaria a estreia do Mineirão no torneio. Vale mencionar que dois dias antes houve uma grande manifestação na capital mineira, com um confronto entre policiais militares e manifestantes. Dezenas de prédios públicos e privados haviam sido apedrejados e um carro da polícia civil chegou a ser tombado pelos Black Blocs. Além disso, uma repórter do Mídia Ninja chegou a ser presa, acusada de estar envolvida nas ações de depredação (BRAIGHI, 2016).

Talvez isso, o forte aparato policial e o anúncio de que medidas enérgicas seriam tomadas naquele dia, tenham conseguido afastar boa parte das pessoas das ruas, em um protesto com número bem menor de manifestantes em 14 de Junho; dia em que a Polícia Militar utilizou-se do controverso *kettling*⁸, fechando parte do acesso para as avenidas que fazem

⁸ Conhecida também como envelopamento, essa estratégia foi desenvolvida pela polícia inglesa. No entanto, a origem remete ao caso conhecido como caldeira de Hamburgo (*Hamburger Kessel*), quando, em 8 de junho de 1986, em protesto contra a instalação de usinas nucleares na Alemanha, 860 manifestantes ficaram cercados pela polícia germânica por aproximadamente trinta horas.

o cruzamento da Praça Sete. Dificultava-se a entrada e, durante um longo período, também a saída do ato, até que uma passagem, controlada, fosse aberta (onde outro grupo de policiais mantinha a vigilância). É neste contexto que as três mídias narraram os fatos relacionados.

2.1 Jornal da Alterosa

A reportagem do *Jornal da Alterosa* que retrata a atuação da polícia nas manifestações do dia 14 de junho de 2014 tem início com imagens da Praça Sete – composta de modo polarizado por policiais e por manifestantes. O texto que descreve a cena identifica as pessoas presentes no local como “manifestantes do Movimento Não Vai Ter Copa”, actantes-agentes da sequência narrativa: “Eles ocuparam a região horas antes do jogo entre Colômbia e Grécia”. O uso desse pronome, “eles”, parece remeter a uma oposição “nós x eles”, em que o “nós” seria a instância composta pelos produtores do telejornal e pelos seus telespectadores, enquanto o “eles” seriam justamente aqueles que se diferem (com toda a carga, relacionada na oposição, que já começa a aparecer).

Imagem 1: Quadro composto – Manifestantes – Jornal da Alterosa



Em seguida, é dada ênfase ao fato de que quem circulava pelas ruas de mochila era revistado, causalidade lógica argumentativa explicada em sequência, motivo pelo qual os “militares” teriam encontrado um coquetel molotov nos pertences de um “homem”, legitimando a atuação da polícia. A cena é ilustrada à maneira indicial, com imagens testemunho que confirmam o roteiro verbal lido pela repórter.

Imagem 2: Quadro composto – Prisão de manifestante com coquetel molotov – Jornal da Alterosa



A reportagem tem prosseguimento com a inserção aparentemente performática da voz do policial que prendeu o homem: “Amigo, olha pra mim, olha pra mim, olha! Você está preso em flagrante delito pelo crime de portar artefato explosivo e você será conduzido para uma delegacia. Você tem direito de permanecer calado.” A *mise en scène* da fala pausada do policial e sua gestualidade quase teatral tornam-se perceptíveis, numa rememoração às películas policiais dos anos 1980.

Imagem 3: Prisão de manifestante – Jornal da Alterosa



O telejornal identifica e qualifica o homem como “Igor Daniel de Aguiar Borges, 29 anos, filho de um coronel reformado.” Igor é o actante-agente dessa sequência narrativa, destacando-se o fato dele desacatar o policial. A ficcionalização do real torna-se evidente a seguir; na sequência em que é filmado um suposto diálogo entre o policial e Igor, há uma performance articulada em função das câmeras que registravam o momento, com uma poderosa evocação dêitica do real por meio de suas imagens indiciais-testemunhais.

Com o dedo em riste e uma expressão séria, o policial diz: “Você não se envergonha? Eu fico envergonhado por você”. O manifestante esbraveja prontamente olhando fixamente nos olhos do policial: “Você que tá trabalhando pra gringo, você que tem que se envergonhar, tá sendo pago pra gringo pra reprimir a população dessa cidade. É isso. E a FIFA vai embora daqui a um mês e você vai ficar onde?”

Imagem 4: Quadro composto – Discussão de policial com manifestante – Jornal da Alterosa



O policial gagueja por um instante: “Você... você... (...) eu tenho uma pena de você, eu tenho uma pena de você. Leve-o para a delegacia.” Ironicamente, o manifestante responde: “eu te perdoo”. Essa primeira sequência da narrativa carrega alguns imaginários sociodiscursivos trazidos à tona de modo lexical e imagético, relacionados a saberes de crença. Por exemplo: o imaginário de um saber de opinião negativo a respeito do ato de se “rebelar”, ilustrada pela imagem do coquetel molotov; o imaginário do policial como defensor do bem-estar social; a inocente dicotomia herói-vilão; e, de modo menos explícito, o imaginário na fala de Igor, quando qualifica o policial como um “serviçal de gringo”, evocando um conhecimento histórico da questionável soberania brasileira.

A reportagem prossegue com mais um homem abordado. O sujeito, que transportava uma faca, justifica o porte por morar em um bairro de pouca segurança. Interessante notar que durante toda a matéria, de quase 5 minutos, nenhuma das pessoas revistadas era branca, algo que corrobora para estereotipar o imaginário de crença de quem é suspeito.

Imagem 5: Quadro composto – Abordagem e prisão de transeunte – Jornal da Alterosa



Imagem 6: Quadro composto – Planos Abertos – Jornal da Alterosa



Imagens de testemunho mais uma vez ditam a sequência de modo indicial. A narrativa segue apontando o papel da polícia de separar manifestantes de pedestres por um cordão de isolamento e de acompanhar os integrantes da manifestação da Praça Sete à Praça da Estação, onde o intuito seria seguir para a *Fan Fest*. Mais uma vez, as imagens continuam a ancorar a voz da repórter de modo redundante. Na sequência é dada voz a um major da Polícia Militar que sugere a importância do reforço do policiamento na região da *Fan Fest*, o que teria intimidado a manifestação naquele local.

Imagem 7: Entrevista oficial – Jornal da Alterosa



Nesse momento, a reportagem traz imagens arquivo das manifestações do ano anterior, usadas de modo simbólico-metafórico, fazendo imergir um imaginário negativo dos manifestantes. São enquadramentos que mostram depredações e explosões, quase como um cenário de guerra.

Imagem 8: Quadro composto – Imagens de arquivo – Jornal da Alterosa



O reforço policial e o imaginário de crença da sua importância para a segurança da população continuam sendo dramaticamente representados durante a construção da narrativa, por meio de enunciações que destacam o efetivo militar em diversas regiões da cidade, o investimento de mais de 20 milhões de reais em equipamentos e materiais para a tropa, sendo o discurso verbal sempre ancorado pelas imagens de modo indicial. Há aqui uma escolha lexical para qualificação de alguns dos manifestantes: “vândalos”. Tal opção continua corroborando de maneira estereotípica para a cristalização negativa do imaginário sociodiscursivo de quem vai aos protestos. No decorrer, temos a passagem da repórter Ethel Corrêa:

Um aparato especial montado pela polícia foi mantido até às 23h da noite de sábado, depois disso, de acordo com o comando da PM, permaneceu o efetivo de plantão. No total foram presas 23 pessoas em flagrante e nenhuma depredação de patrimônio público foi registrada. Situação bem diferente da que aconteceu no dia da abertura da copa do mundo.

Imagem 9: Quadro composto – Passagem e imagens de arquivo – Jornal da Alterosa



A atuação da polícia como actante-agente da narrativa, responsável por prisões em flagrante e evitando a depredação de patrimônio, evidencia mais uma vez o reforço do imaginário de crença dos policiais como profissionais eficientes, heróis do dia a dia. Esse imaginário positivo em relação à polícia, e negativo em relação aos manifestantes, ganha ainda mais força na composição de vozes opinativas de pessoas aleatórias no final da reportagem: “A atitude preventiva é a melhor opção, né?”; “Achei perfeitamente correto.

Acho que tem de agir dessa forma e a gente tem de saber protestar sem quebrar.”; “Achei certo. Mas a polícia tem que estar rente, instintiva, ela precisa agir com mais rigor.”

Imagem 10: Quadro composto – Entrevistas modelo Povo Fala – Jornal da Alterosa



É pertinente notar que todos os cidadãos que opinavam sobre o papel da polícia em relação aos atos dos manifestantes eram brancos e não houve divergência, numa concepção de unanimidade popular. A reportagem se encerra com a voz do major que afirma que a polícia respeitou o direito de manifestar e que utilizou “uma estratégia juridicamente perfeita e tecnicamente, operacionalmente, irrepreensível”. Nenhum manifestante foi entrevistado.

2.2 Estado de Minas

A matéria publicada pelo jornal Estado de Minas, em 15/06/2014, segue uma sequência de reportagens desde a manifestação da abertura da Copa do Mundo, quando um grupo de 70 pessoas (a maioria delas usava máscaras) foi acusado de provocar vários atos de depredação pelas ruas e avenidas de Belo Horizonte, e isso é bem lembrado. Todavia, o registro em análise, em especial, guardava algumas particularidades. Ele inicia com uma imagem aérea da Praça Sete, mostrando um pequeno grupo de pessoas ao centro e um cordão de isolamento (discreto pela linearidade) da Polícia Militar no entorno. Essa imagem tem como função primeira o registro do acontecimento, mas carrega em si inúmeros valores simbólicos.

Imagem 11: Quadro-composto – Fotos publicadas na edição em análise do impresso Estado de Minas



Jovem diante de militares durante protesto na Praça Sete: PM afirma que agiu para evitar tumulto e garantir segurança

Além de focar em uma faixa com os dizeres: “*Unfair players – Fifa – Police – Anastasia*”, a imagem faz uma referência aos “desmandos” da Fifa durante o mundial ocorrido no Brasil e a aludida (pelos movimentos sociais) subserviência dos diversos poderes ao capital econômico, representado pelo comitê de futebol. Além da crítica ao governo do Estado, indicado pelo nome do então governador grafado na faixa, há outra contra a polícia, considerada pelos manifestantes como uma espécie de segurança coordenada pela Fifa.

Crítica que pode ser traduzida pela legenda no canto superior esquerdo da imagem: “Policiais fecharam quarteirões da Praça Sete e deixaram caminho para Praça da Estação liberado: cinco adultos foram levados para a delegacia, entre eles um homem com coquetel molotov”, ato considerado arbitrário pelos manifestantes, impedidos de seguirem pelas ruas da capital, conforme relatou o Estado de Minas: “manifestantes criticaram a estratégia da Polícia Militar de restringir o deslocamento do grupo a partir da Praça Sete”.

Em outra foto, uma estratégia discursiva diferente é empregada na narrativa; destaca-se a utilização de uma imagem, seja com efeito visado de legitimação, para criar a implicação de verdade, ou como complementação da história narrada. O exemplo é a fotografia à direita da composição anterior. Este fragmento, cuja função primeira seria indicial, registrar o ocorrido, confere grande grau de destaque à notícia, além de também ter uma função simbólica ou conotativa. É a partir de tal imagem que inúmeros possíveis interpretativos podem ganhar sentido.

O registro pictórico de apenas um manifestante frente ao grande contingente policial pode demonstrar a desproporção de forças entre Estado (polícia) e Manifestantes (povo); condiciona mostrar o idealismo contra a força; amor à pátria contra autoritarismo. A legenda, sob a foto, “jovem diante de militares durante protesto na Praça Sete: PM afirma que agiu para evitar tumulto e garantir segurança”, remete ainda a um fato célebre, um rapaz diante de tanques de guerra na Praça da Paz Celestial, em 1989, na China. Um ato heroico de um jovem idealista, sozinho à frente de uma tropa infinitamente superior, não pode representar um risco de desordem, em que pese a alegação da PM citada em discurso indireto.

A citação de que “a PM argumenta que agiu para evitar tumulto e garantir a segurança no ambiente de protesto”, além da intenção de agregar um viés de neutralidade ao discurso, é também uma das formas de se garantir a veracidade das informações, a qual para Charaudeau (2012) se dá no discurso midiático por meio de imagens, testemunhos, entre outras estratégias.

Porém, devido ao dialogismo que atravessa todo o discurso, a neutralidade pode se tornar uma utopia, uma vez que ao empregar na narrativa uma citação do tipo, “a PM persiste cerceando o direito de ir e vir, apesar do caráter integralmente pacífico da manifestação

dos mais diversos grupos que se encontram na Praça Sete”, podemos afirmar que, muito provavelmente, há na assertiva um juízo de valor, um posicionamento do veículo midiático acerca da estratégia do *kettling*, empregada pela polícia para conter os manifestantes.

Posicionamento que pode ser interpretado através da citação em discurso direto de uma entidade de articulação social: “ ‘Pedimos solidariedade com os companheiros cercados’, afirmou, por meio de nota divulgada nas redes sociais, a Assembleia Popular Horizontal de Belo Horizonte”. É uma espécie de apelo, indiretamente também do veículo midiático, à comunidade para apoiar o grupo de manifestantes contra a polícia, o que pode ser visto na citação, em discurso indireto, em que os advogados de um grupo que presta apoio jurídico aos manifestantes criticam o órgão policial:

Advogados que integram a Frente Única de Suporte Jurídico aos Manifestantes criticaram as prisões ocorridas no entorno da Praça Sete. O grupo considera que houve excessos e prometeu um relatório de cada caso. “Isso é uma coisa típica de um estado de sítio. O próprio cerco da Praça é inconstitucional.”, opina o advogado Alexandre Silva.

Dentre as críticas atribuídas ao grupo, destaca-se a citação, em discurso direto, de uma fala do advogado Alexandre Silva: “Isso é uma coisa típica de um estado de sítio”, ou o julgamento de inconstitucionalidade do cerco da Praça onde se encontravam os manifestantes. Estratégias discursivas que reforçam os imaginários de despreparo e de arbitrariedade da polícia, principalmente, diante do julgamento de ilegalidade da estratégia adotada para conter os manifestantes, mesmo que a polícia tenha considerado legal e satisfatória a ação, conforme demonstram os trechos:

1. O tenente-coronel Alberto Luiz, chefe da comunicação social da PM, classificou o trabalho como satisfatório, garantindo que o objetivo foi permitir que quem quisesse ir às ruas para vocalizar as insatisfações pudesse fazê-lo com segurança. “Em momento algum a PM deixou de garantir o direito de ir e

vir das pessoas. É importante lembrar que esse direito não é absoluto e deve respeitar os demais moradores da cidade”, afirmou.

2. “Estamos endurecendo nossas ações e isso não é arbitrariedade nenhuma. O caminho a ser escolhido daqui para frente pode ter alguns ajustes, mas o objetivo continua sendo manter a paz”, concluiu.

Ao analisar os dois excertos, o leitor verá que a narrativa jornalística se apoia em dois aspectos: no primeiro, o julgamento da polícia de que o trabalho desenvolvido durante a manifestação foi satisfatório ao conseguirem impedir que houvesse depredações ou outros conflitos, “garantindo” o direito de vocalização das insatisfações das pessoas. Na segunda entrada, a citação evidencia o enrijecimento das ações policiais, o que pode levar ao entendimento de que a “real” satisfação está em reprimir as manifestações, o que contradiz a informação de que o objetivo da polícia é garantir os direitos de manifestação expressos no primeiro excerto. O aspecto da legalidade, “isso não é arbitrariedade nenhuma” ou “o caminho [...] pode ter alguns ajustes (...)”, apontam para uma possibilidade de distorção dos objetivos expressos no primeiro excerto.

Não é demais acrescentar que os sentidos produzidos pelo leitor, a partir da análise dos excertos, dependerão muito de sua compreensão de mundo (plano de fundo pragmático) e do conhecimento de cada um acerca do momento histórico em que os fatos ocorreram. O que nos leva novamente a Charaudeau (2007), que afirma que o imaginário possui uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação, ao mostrarmos que na presente matéria publicada pelo jornal Estado de Minas, o imaginário coletivo é acionado sempre que as citações, imagens, entre outros elementos de composição, remetem à ideia de violência policial, pois esse é um conceito construído ao longo dos anos, pelo menos desde o Regime Militar, e que foi se cristalizando no inconsciente coletivo e se sedimenta através do ato discursivo.

2.3 Mídia Ninja

A transmissão em tempo real do Mídia Ninja teve duração total de três horas e cinquenta minutos. Sobre o texto verbal, o repórter não só narra e descreve o ato, assim como recupera o que havia acontecido no dia 12 de junho, sobretudo no que concerne ao que passou a sua colega ao ser presa. O narrador evoca assim o saber de conhecimento pela experiência, ao fazer remissão ao papel actancial da polícia como a vilã.

Esse posicionamento acerca dos militares seria intensificado de diversas outras formas. Em um momento da transmissão, o Ninja foi orientado (pelos próprios ativistas) a não transmitir uma audiência realizada pelos manifestantes. A questão levantada para impedir o registro era a de que havia a preocupação quanto a mostrar o rosto dos que participavam da reunião, já que a corporação poderia estar monitorando as mídias.

Há então um imaginário de perseguição política, que coloca os ativistas (entre os quais o Ninja se incluiria) na posição de vítima. O repórter então se afasta, mas afirmava estar ansioso – inclusive falando expressões de baixo calão – e curioso sobre o que os policiais conversavam. Se vê a utilização dos palavrões/interjeições, o que demonstra que esse repórter fica bem à vontade para utilizar o vocabulário que mais o convém nesta situação e, na mesma medida, fazendo com que a linguagem atue enquanto reforço dos efeitos de realidade e intensificação da situação numa lógica ficcional. Há também a utilização de expressões e gírias, numa reivindicação do imaginário de juventude descolada e revolucionária, que não se presta às regras de etiqueta social.

O Ninja chega a cantar junto com os manifestantes: “Não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da Polícia Militar!”. Demonstra assim sua colocação em relação à desmilitarização desta instituição. O canto se justificaria ainda pela construção narrativa da cena. Ao longo da cobertura vai afirmando que “a polícia, que deveria estar protegendo, está tacando medo em todo mundo” (*sic.*) e “há repressão a todo o momento”.

Novamente, há a reivindicação do saber de experiência, daquele que está no meio do cerco, que vê e sente a situação-contexto.

O repórter afirma que não estaria havendo “critério nenhum nas prisões” (ratificando que os motivos são “escrotos” e “banais”) e que se sentiu ameaçado pelos praças: “Nós estamos sendo ameaçados o tempo todo, estão apontando pra mim e falando algo. Estão marcando todo mundo”. A partir das construções verbais, vê-se a inclusão do Mídia Ninja enquanto ativista nessa manifestação tanto por um apoio à causa, quanto na efetiva participação, mas até em um possível reconhecimento do outro (da polícia) frente a ele não enquanto uma instância midiática, mas em um manifestante.

O Ninja mistura o medo/tensão com o humor, em uma ironia de nervosismo. Em conversas paralelas, demonstra preocupação, reforçando que o policial não para de olhar para ele. Já em outro momento, bem na sequência, diz que “esses policiais estão parecendo *Power Rangers*, cara. Estão parecendo alegoria de escola de samba”. Estas particularidades narrativas vão, inferimos, captando, de diversas formas, o (web)espectador pateticamente.

O repórter reforça que é difícil sair e impossível entrar na Praça, já que a polícia teria deixado apenas um “corredor minúsculo” para o escape, cercado por militares, instaurando, também assim, um processo de medo junto aos manifestantes. Nesse contexto, procura problematizar sobre a Copa do Mundo e acerca da intervenção das diretrizes da Fifa na dinâmica social, assim como sobre as atitudes da Polícia Militar. Há então uma chamada ao saber de opinião, balizado pela crença. De um lado, tem-se a perspectiva da opinião coletiva e, de outro, de uma revelação doutrinária, fundamentada em um ideal libertatório, socialista talvez.

Com recorrência, o Ninja também adjetiva, de forma depreciativa, as duas instituições supramencionadas, tomando por base justamente as relações da primeira com o estado e com o capital e, a segunda, a partir da forma de condução no ato transmitido. Há uma provocação com um possível saber de conhecimento, mas a fundamentação é pouco segura, o que não permite ser vista desta forma, antes tão somente como opinião, qualquer que seja.

Acerca das imagens, se observa a seguir, por exemplo, um movimento constante do Ninja: evidenciar, em planos gerais, a disposição dos policiais no cordão humano de isolamento da Praça Sete. As imagens dão o dimensionamento do efetivo militar, sobretudo quando contrastadas com a da presença de manifestantes. Os policiais são enquadrados de frente, logo posicionados simbolicamente contra quem filma, situando o (web)espectador na posição ativista, bloqueado/limitado pela força do estado.

Imagem 12: Quadro Composto - Barreiras da PM nos cruzamentos da Praça Sete – Mídia Ninja



A força bélica em grande quantitativo é contrastada pelo número ínfimo de manifestantes registrados, portando tão somente um megafone, além de bandeiras, cartazes e uma bola. A lúdica e inofensiva partida de futebol é registrada pelo Ninja, demonstrando a contradição frente ao cerco policial.

Imagem 13: Quadro Composto – Partida de futebol na Praça Sete – Mídia Ninja



O Ninja mostra o obelisco do centro da capital mineira ocupado por manifestantes. Possíveis interpretantes variados advêm do potencial simbólico da imagem, reforçados pela condição de cerco à liberdade de protesto pelo estado. Pessoas comuns, o povo, de cara limpa, composto por idosos, mulheres, jovens, sendo cerceados de um direito básico pela opressão militar.

Policiais não são entrevistados, em detrimento de transeuntes, manifestantes e até um advogado ativista. Nas imagens a seguir, apresenta-se um quadro que evidencia o diálogo do Ninja com um causídico manifestante. Ele traz à cena um saber de conhecimento bem fundado, alegando que a atitude da PM era arbitrária. Mas, ainda evoca um saber de experiência (que é ainda mais reforçado pelo saber científico apresentado antes) ao dizer que era preciso tomar cuidado com a ação dos militares, já que eles estariam também forjando flagrantes.

Imagem 14: Quadro Composto – Manifestantes – Mídia Ninja



Imagem 15: Quadro Composto – Advogado ativista – Mídia Ninja



Ora, a quem se pede para ter cuidado? Ao (web)espectador? Então que lugar o internauta tomaria senão o dos manifestantes, já que é dirigido a ele este alerta? Observa-se ainda que o midiativista evidencia os números de telefone dos advogados ativistas que estariam atuando no protesto, enquanto categoria de serviço da mídia, condicionando na mesma medida a audiência a um papel actancial de manifestante.

Não demora muito até que a assembleia dos manifestantes decida descer até à Praça da Estação em marcha. O Ninja então acompanha e registra os diversos cartazes. O elemento visual dá voz àqueles que portavam as mensagens escritas. Tal condição, aliás, faz levantar os temas que estariam sendo trabalhados no protesto (quase sempre o posicionamento contra a Copa do Mundo). A transmissão, da efetiva chegada à outra Praça, até o encerramento da transmissão, duraria ainda cerca de quarenta minutos e evidenciaria a presença marcante da Polícia Militar e as abordagens que ainda fariam a

transeuntes e manifestantes de forma desproporcional e, na maioria das vezes, desnecessária.

Imagem 16: Quadro Composto – Cartazes – Mídia Ninja



Imagem 17: Quadro Composto – Presença da PM na Praça da Estação – Mídia Ninja



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perceberam-se discrepâncias no tratamento do acontecimento pelos *media* tradicionais e pelo midiativismo. Os imaginários impregnados nas narrativas demonstram percepções do real muito distintas. Nos *media* tradicionais, mais especificamente no Jornal da Alterosa, o que se viu foi uma identidade narrativa que tenta legitimar a ação da polícia, amalgamando uma imagem positiva em oposição aos manifestantes inseridos na narrativa de modo negativo. O Mídia Ninja faz um relato oposto a isso.

Assim, tanto Alterosa quanto Mídia Ninja evocam os saberes de crença pela opinião coletiva, aquela que se posiciona frente a outro grupo – diferente do “nosso”, qualquer que ele seja. Para tanto, essa posição se ancora na opinião comum, na polarização, como nos diz Charaudeau (2007), do “eu penso como todo mundo que”, da polícia age errado (no caso dos manifestantes) ou os militares atuam de forma correta (no caso do telejornal), através do seu próprio texto ou de falas de fontes estrategicamente escolhidas para testemunhar.

O Estado de Minas procura enveredar-se, entretanto, pelo caminho do meio – ainda que o sentido principal que se depreende seja o da ação desproporcional da Polícia Militar (em oposição à TV Alterosa). Esta não é vista, entretanto, como desnecessária (contrariando o Mídia Ninja). O que se pode inferir é que há uma busca maior no impresso pelo imaginário da equidade e imparcialidade, ainda que este seja, em nossa opinião, inalcançável e as estratégias do jornal o contradiria – conforme expusemos.

Voltando à polarização audiovisual, em termos técnicos, a grande diferença entre os tipos de *media* parece estar no papel fundamental das maneiras de edição. A indicialidade da TV tradicional estaria na dimensão da secundidade, na qual as imagens naturalmente icônicas seriam utilizadas de maneira indicial, no nível dos apontamentos, ancoramentos do discurso verbal com imagens do óbvio já dito, numa lógica metonímica, da representação do todo pela parte (VERÓN, 2001). Já no midiativismo há um efeito distinto, ancorado ao nível da primeiridade, na qual a iconicidade natural das imagens impera e as representações parecem ocorrer na maior parte das vezes em um fluxo mais espontâneo, sobretudo nos momentos em que não há narração verbal.

Por outro lado, ao compararmos os *media* tradicionais, aqui representados pelo Jornal da TV Alterosa e pelo Jornal Estado de Minas, veremos que apesar da identidade narrativa

comum a ambos, nos impressos as imagens, apesar de fazerem parte das estratégias discursivas, são utilizadas em menor escala; porém, com o mesmo grau de importância. Já em relação ao texto, as citações, em discursos direto e indireto, conferem a legitimidade e o efeito de real às narrativas, engendrando imaginários diversos, guiando o leitor através dos inúmeros possíveis que se propõem a cada um. Os constructos, porém, são estrategicamente escolhidos, e ajudam a conformar um projeto de escrita do acontecimento por três narradores distintos, com filiações e perspectivas muito particulares.

Os *ethé* se evidenciam por meio dos textos verbais e visuais. Enquanto o Ninja se mantém firme na perspectiva ativista, encarando a guerra memética dos imaginários discursivos, em uma verticalizada construção sobre os policiais, o Jornal da Alterosa reforça a sua condição de jornalismo da realidade (como ela é), mas que, por viver da emergência do choque, dos conflitos, desenvolve um simulacro, microacontecimento inserido numa discussão mais ampla, a fim de mostrar que o terror existe sim e que os militares devem combatê-lo. No meio do caminho um impresso tenta dar conta da verdade, ao menos daquela, pontual, localizada, numa via que se pretende menos verticalizada, mas que, nem por isso, deixa de ser posicionada e uma construção particularizada.

REFERÊNCIAS

ANGRISANO, Rafael Magalhães. **As narrativas dos acontecimentos nos telejornais mineiros**: uma análise do discurso das reportagens no MG TV e Jornal da Alterosa. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens), POSLING/CEFET-MG, Belo Horizonte, 2014.

BRAIGHI, Antonio Augusto. **Análise do Discurso Midiativista**: Uma abordagem às transmissões simultâneas do Mídia Ninja. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), POSLIN/UFMG, Belo Horizonte, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: Boyer H. (dir.) **Stéréotypage, stéréotypes**. Paris: L'Harmattan, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

DAVID-SILVA, Giani. **A informação televisiva: uma encenação da realidade** (Comparação entre telejornais brasileiros e franceses). Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

JOST, François. **Introduction à l'analyse de la télévision**. Paris: Ellipses, 1999.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

VERÓN, Elíseo. **El cuerpo de las imágenes**. Buenos Aires: Norma, 2001.